

TRAVESSIAS LITERÁRIAS: NOVAS VIAGENS À CIDADE DE LUANDA RESSIGNIFICADA

LITERARY JOURNEYS: NEW EXCURSIONS TO THE CITY OF LUANDA RESIGNIFIED

*Sheila Ribeiro Jacob**

RESUMO

Durante o período de lutas pela libertação de Angola, a cidade de Luanda tornou-se um dos espaços simbólicos privilegiados dos textos literários, sendo referência para o processo de construção da identidade nacional. Depois de conquistada a independência, autores angolanos passaram a abordar a conseqüente onda de desilusão e decepções e os novos desafios que se colocaram para o país. Nesse processo, Luanda também sofreu ressignificações, tornando-se o ponto de partida para novas e necessárias caminhadas. O objetivo deste trabalho é abordar tais alterações de sentidos referentes a esse espaço simbólico, a partir de uma breve análise de textos de José Luandino Vieira produzidos durante o período colonial e dois romances angolanos escritos no pós-independência: *A casa velha das margens* (1999), de Arnaldo Santos, e *Mãe, materno mar* (2001), de Boaventura Cardoso. Nessas obras, Luanda deixa de ser o palco privilegiado dos acontecimentos, dando lugar ao protagonismo do deslocamento dos personagens-guias de ambos os textos e às descobertas de si e do país que suas viagens proporcionam.

PALAVRAS-CHAVE: Luanda; deslocamentos; romances angolanos contemporâneos.

ABSTRACT

During the period of the struggles for Angolan independence, the city of Luanda has become one of the privileged symbolic spaces of literary texts, being a reference for the construction of national identity process. After the independence, Angolan authors start to write about the disillusionment and disappointment and the new challenges for the country. In this process, Luanda also underwent reinterpretation and became the beginning to

new and necessary journeys. The objective of this study is to discuss these changes concerning this symbolic space, from a brief review of José Luan-dino Vieira's texts produced during the colonial period and two Angolan novels of the post-independence: *A casa velha das margens* (1999), written by Arnaldo Santos, and *Mãe, materno mar* (2001), written by Boaventura Cardoso. In these novels, Luanda is no longer the privileged stage of events. The focus, now, is the displacement of the characters that are the guides of both texts and the findings of themselves and of the country provided by their travels.

KEYWORDS: Luanda; dislocation; Angolan contemporary novels.

Vou caminhar em frente até que atinja o mar.
Não este mar que vejo à retaguarda, donde nos vem
a brisa laminar das tardes de Setembro, mentor
do céu de bruma que nos maninha o chão.
Eu vou seguir em frente e ultrapassar o paredão das
serras, a cortina das águas que na distância acende
a redobrada angústia de uma possível esperança. [...]
[...]
Vou caminhar em frente e procurar o espelho de outras
águas, como se fosse a última estação e eu nunca mais
morresse ao pôr do Sol no ventre insaciável das viagens.
*Ruy Duarte de Carvalho*²

Nos estudos das literaturas africanas produzidas em língua portuguesa, especialmente a angolana, é quase impossível não perceber as relações estabelecidas entre os acontecimentos político-sociais e a produção cultural e artística desses países. Tal articulação se torna evidente quando pensamos, por exemplo, que os protagonistas da luta política de meados do século XX eram, também, escritores, tendo como uma das principais referências Agostinho Neto, que foi poeta, um dos fundadores do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o primeiro presidente da nação independente.

Fundamental para a gestão desse grito de contestação que ecoou por meio da literatura foi a existência, em Lisboa, da Casa dos Estudantes do Império (CEI), que foi criada em 1944 e tornou-se um espaço agregador de diversos jovens saídos das então colônias portuguesas. A proposta inicial do local, de ampliar o domínio colonial e exercer um maior controle dos estudantes, foi subvertida por aqueles que o frequentavam: ali puderam identificar a semelhança de suas condições de opressão, denunciar a política colonial em suas terras e perceber a urgência de sua luta comum, o que resultou na preocupação com uma produção literária de denúncia e na publicação do boletim *Mensagem*, em julho de 1948. Nesse mesmo ano, jovens, como Viriato da Cruz, que se autointitulavam Novos Intelec-

tuais, lançaram o grito de “Vamos descobrir Angola!”, uma contundente convocação para a valorização de sua terra por meio do resgate das culturas tradicionais e das heranças deixadas pelos naturais, por tanto tempo silenciadas pela opressão colonial.

Muitos dos textos angolanos produzidos então, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, estiveram profundamente comprometidos com as lutas pela independência e valorização da cultura local e do homem angolano. A cidade de Luanda foi escolhida, naquele período, como espaço simbólico privilegiado, um signo de resistência, tendo sido eleita como a metonímia de uma nação por construir, o que, como veremos, sofreria alterações no período pós-independência.

LUANDA: ESPAÇO DA RESISTÊNCIA NO PERÍODO COLONIAL

Como diz a pesquisadora Tania Macêdo, durante o período da guerra anticolonial, “a Luanda dos textos erige-se, pois, como símbolo da nação desejada” (2001, p. 244). Tendo a cidade como espaço principal dos acontecimentos, muitos escritores estampavam, ali, as contradições entre os bairros nobres e os musseques de terra vermelha das periferias. Além da gritante desigualdade, apontava-se para a possibilidade concreta da mudança por se localizarem, nesse espaço, os marginalizados e os excluídos pela lógica colonial, sujeitos oprimidos que seriam sementes de luta, capazes de transformar a situação de subordinação em que se encontrava boa parte dos habitantes da então colônia.

Ao examinar a produção ficcional angolana do final da década de 1950 até o início dos anos de 1980, Macêdo utiliza-se da expressão “prosa do musseque” para abordar uma série de obras que tematizam, de forma expressiva, os bairros de periferia luandenses. A esse respeito, observa a pesquisadora:

A materialização artística do projeto nacionalista redundará na criação de um novo espaço ficcional na literatura do país. É dessa maneira que, insistentemente na ficção angolana a partir desse momento [fim dos anos 1950 e início dos 60], as marcas do imaginário urbano recriado conformam os textos. Luanda surge, assim, como uma cidade cuja “fronteira do asfalto”, a dividir os bairros da Baixa e os musseques [...] marca os contornos da periferia, a qual os textos preferencialmente focalizarão. E ela tem cores, o ritmo, sobretudo das canções angolanas e a sombra de mandioqueira, mafumeiras e cajueiros. (2001, p. 243)

Luandino Vieira é um dos escritores que deixam clara a escolha desse local como signo de resistência. Nascido em Portugal, mudou-se ainda criança para Angola e assumiu o país como seu, abandonando o nome de registro José Mateus Vieira da Graça e elegendando a então capital da colônia como traço identitário do nome com que assina seus livros e com o qual tornou-se efetivamente um cidadão angolano.

Uma das obras do autor, que ilustra as contradições presentes em uma cidade cindida entre o asfalto e o chão batido de terra vermelha dos musseques, é a intitulada *A cidade e a infância*. Este foi o primeiro livro publicado por ele, em 1960, na Coleção Autores Ultramarinos, editada pela Casa dos Estudantes do Império. Como afirma a pesquisadora Rita Chaves, nele “predomina um tom descritivo, muito próximo da linguagem jornalística, que associa a literatura à denúncia” (1999, p. 159). O conjunto é, inclusive, dedicado à cidade, destacada em caixa alta: “Para ti/ LUANDA”, conforme informa o paratexto (VIEIRA, 2007, p. 7).

Nos contos ali reunidos, revela-se como o tempo da infância, das brincadeiras e da amizade entre crianças de classe e de cor diferentes deu lugar às agruras da vida adulta, à percepção da injustiça social e do papel que cabia aos negros e pobres em uma sociedade desigual. O texto inaugural do conjunto, “Encontro de acaso”, data de 13 de setembro de 1954 e espelha uma cidade atroz, em que habita, nas palavras do narrador já adulto, “cada um com a sua cela nesta imensa prisão” (2007, p. 12). Por outro lado, a trilha sonora marcante da infância era bem diferente, marcada pela “canção de todos nós, meninos brancos e negros que comemos quicuerra e peixe frito, que fizemos fugas e físgas e que em manhãs de chuva deitávamos o corpo sujo na água suja e de alma bem limpa íamos à conquista do reduto dos bandidos do Kinaxixe” (p. 15).

Um dos textos emblemáticos do livro, “A fronteira de asfalto”, ilustra desde o título a existência de muros sociais em uma cidade como Luanda. A amizade entre o menino negro Ricardo e a menina branca Marina é dificultada pelo fato de ambos pertencerem a mundos diferentes. Diz o texto: “[Ricardo] Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas” (VIEIRA, 2007, p. 40). A impossibilidade de uma convivência harmoniosa se escancara ao final do conto, quando o menino, perseguido pela polícia por ter ultrapassado o limite do asfalto e ter tentado falar com a amiga, bate com a cabeça na calçada e encontra, na morte, seu descanso. Seu corpo termina “estendido do lado de cá da fronteira, sobre as flores violeta das árvores do passeio” (*ibidem*, p. 44).

Outra obra que exemplifica com clareza a força simbólica da cidade para a produção literária de Luandino Vieira é *Luuanda*. O título do conjunto apresenta a marca da diferença com a repetição do “u”, convocando o termo original em quimbundo e potencializando, pela diferenciação em relação à norma da língua portuguesa, o afeto do autor pela cidade. Dada a sua importância, o cinquentenário do livro foi comemorado em 2013, 2014 e 2015 com eventos em Angola, no Brasil, em Portugal e em outros países.

Luuanda é marco de um primoroso trabalho com a linguagem não apenas na história de Luandino Vieira, mas também no conjunto da produção literária angolana. Escrita enquanto seu autor estava preso, a obra foi, em 1964, a vencedora do Prémio Motta Veiga e, no ano seguinte, do Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores,

o galardão literário mais importante naquele tempo. Não é difícil imaginar que o reconhecimento de um escritor comprometido com a luta de libertação que havia se iniciado oficialmente no país poucos anos antes foi tido como uma afronta aos interesses da metrópole. Como conta Pires Laranjeira, esse fato “levou as autoridades do regime salazarista a promoverem uma campanha difamatória contra o escritor, taxado de ‘terrorista’ por se encontrar enclausurado no Tarrafal, contra o júri do Prémio e a própria Sociedade, que a polícia pilhou e encerrou” (1995, p. 120).

A revelação das condições de opressão, já comentada em relação à *Cidade e a infância*, é retomada com maior ênfase na primeira das três histórias que formam o conjunto *Luuanda*: “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”. Nela, a fome teima em ser presença constante do contado, maltratando os miseráveis personagens que aparecem no título. Dessa vez o pacto firmado não é apenas ético, mas também, e principalmente, estético, trazendo para as malhas do texto literário toda a potencialidade da oralidade, reafirmando o seu “entrelugar, que fica em um ponto de confluência signífica em que se dá o encontro da magia da voz com a artesanaria da letra”, como diz a pesquisadora Laura Padilha (2007, p. 31) a respeito do encontro entre “voz e letra” que presenciamos em diversos textos literários angolanos.

O tom da denúncia dessa primeira história dá lugar, nos textos seguintes, à força geradora da resistência e à possibilidade da contestação e da transformação que se anuncia nesses espaços. Vemos isso no companheirismo dos prisioneiros no segundo conto, “Estória do ladrão e do papagaio”, e de maneira bastante contundente no terceiro e último texto da coletânea, a “Estória da galinha e do ovo”. Neste belíssimo conto, passado no musseque Sambizanga, o ovo, disputado pelas mulheres da terra, é preservado graças à junção da esperteza das crianças com a sabedoria de um mais-velho, o vavô Petelu, que as ensinou a imitar a galinha Cabíri e, assim, despistar os policiais, representantes do Estado colonial português que queriam se apropriar daquele bem.

Ao final, a imagem da resistência e da cumplicidade entre os naturais da terra sobressai, e a barriga redonda de Bina anuncia um presente prehe de um tempo que está por vir. Vejamos o belo encerramento do texto:

De ovo na mão, Bina sorria. O vento veio devagar e, cheio de cuidados e amizados, soprou-lhe o vestido gasto contra o corpo novo. Mergulhando no mar, o sol punha pequenas escamas vermelhas lá em baixo nas ondas mansas da Baía. Diante de toda a gente e nos olhos admirados e monandengues de miúdo Xico, a barriga redonda e rija de nga Bina, debaixo do vestido, parecia era um ovo grande, grande... (VIEIRA, 2006, p. 132)

Esse duplo tom, de denúncia e resistência, marcou grande parte da produção literária angolana do período colonial. Depois de finalmente conquistada a independência, muitos dos escritos ficcionais continuaram acompanhando os acontecimentos políticos de seu país, tal como faziam antes de 1975. No entanto, a esperança e a utopia de antes, presentes nos escritos de Luandino e outros autores de sua geração, deram lugar ao desencanto e à desilusão com os rumos tomados.

Muitos textos pós-1975 passaram a ser marcados por uma nova denúncia, não mais das ações dos colonizadores estrangeiros, mas sim dos próprios angolanos, muitos dos quais reproduziram as antigas práticas de opressão e exploração que antes denunciavam. Os naturais da terra não se converteram, portanto, naquele tão sonhado “homem novo”, marcado por valores e atitudes de solidariedade, justiça e igualdade, defendidos por aqueles que propuseram a junção do poder das armas com a força da escrita. Como diz Joseph Ki-Zerbo a respeito de questões que se apresentam para o continente africano na contemporaneidade, mesmo após a consolidação dos processos de libertação ainda se faz necessária “uma nova decoração, inventar um novo cenário e fazer uma nova escolha de atores para uma nova peça, mais digna do ser humano” (2009, p. 20).

Nesse contexto de necessárias e urgentes rupturas, Luanda deixou de ser o território privilegiado da resistência e da luta na literatura contemporânea. Boa parte das produções literárias recentes tem, por exemplo, proposto uma fuga da capital para outros espaços, como as regiões do Dondo, da Lunda e do Sul do país. São locais em que a sabedoria tradicional sobreviveu com mais força, consistindo em nova semente de esperança para aqueles que não desistem de, mesmo com tantas desilusões, sonhar com tempo em que novos pactos éticos sejam possíveis, mas agora com a cruel constatação da dificuldade e do enorme desafio em estabelecê-los.

Já outros textos têm procurado não um distanciamento, mas sim lançar novos olhares para o espaço de Luanda, que passa por um processo de ressignificação simbólica. Constitui-se não mais como linha de chegada, mas sim o ponto de partida de novas trajetórias a serem percorridas por personagens que sabem que devem seguir em frente em busca de ultrapassar barreiras e tentar, nesse caminho, recuperar a angústia de possíveis esperanças, como diz a epígrafe de Ruy Duarte de Carvalho.

Esse é o caso dos dois romances convocados para este trabalho: *A casa velha das margens* (1999), de Arnaldo Santos, e *Mãe, materno mar* (2001), de Boaventura Cardoso. Tais obras foram publicadas em momento de intensa crise, quando o país se via tomado por uma guerra civil que duraria, oficialmente, até 2002. Nos dois textos, ganha protagonismo o movimento dos personagens principais, ambos em um trânsito constante. Seus deslocamentos se dão não apenas pelo espaço de Angola, mas também pelo tempo, pelas memórias, por suas próprias identidades e pelas descobertas de seu país.

DESLOCAMENTOS COMO NOVAS E NECESSÁRIAS UTOPIAS

O romance *A casa velha das margens*, que data de 1999, nos propõe uma viagem no tempo e no espaço de Angola. Por ele, nós, leitores, voltamos ao final do século XIX. Sobre esse período, a pesquisadora Laura Padilha escreve: “a recuperação da memória cultural, como forma de en-

contrar um possível ponto de equilíbrio para o sujeito cindido entre dois mundos, começa a ganhar corpo quando a literatura angolana ganha igualmente consciência de si” (2008, p. 60).

Fundamental para esse processo de descobrimento e valorização da colônia foi a circulação, nas folhas da chamada Imprensa Livre Angolana, de textos produzidos por jornalistas independentes que se tornaram personagens dessa obra de ficção e passaram a interagir com o protagonista Emídio Mendonça, um sujeito em permanente viagem que, conforme vai conhecendo o país, vai conhecendo a si mesmo, descobrindo-se como um ser em diferença. Apesar de ter crescido e amadurecido na metrópole, ele percebe que não era um conquistador; era, sim, um ser “entre margens”; “da terceira margem do rio” (1999, p. 105), não se identificando mais com uma matriz cultural *ou* outra, mas sim no frutífero encontro entre elas.

Emídio é um angolano mestiço, filho de um branco, António Mendonça, com uma negra natural da terra, a Kissama. Ainda criança, ele foi enviado à metrópole para, segundo o pai, aprender bons modos da chamada “civilização”. Após um longo período em Portugal, volta à terra natal para recuperar sua herança depois da morte misteriosa do progenitor.

Ao chegar a Luanda, Emídio é um ser deslocado, que “desconhecia as regras do jogo e os parceiros” (1999, p. 19), e precisaria aprender a pisar naquele chão para, então, se reconhecer como filho de Angola. Essa mudança se dá efetivamente quando ele resolve voltar ao local de sua infância e dá início, então, a uma transformadora viagem. Ele deixa a capital e vai para a região do Dondo, às margens do rio Lucala, onde fica sabendo que o pai havia sido perseguido por priorizar os interesses dos naturais daquela terra, em detrimento dos da Coroa. Lá ele reencontra os mais-velhos com quem convivia quando criança, como Pascoal, e revive momentos de transmissão oral, adquirindo da fonte de sua sabedoria os conhecimentos que deverá, então, passar adiante. Emídio, seguindo os passos de António Mendonça, também passa a se identificar com os habitantes daquela região. Depois de um tempo percorrendo o interior, ele finalmente entende que era “o depositário de uma herança que nenhum incêndio consumiria” (p. 345): caberia a ele reunir e passar adiante as memórias da população das margens e as denúncias de injustiças compiladas em um documento chamado “Carta de Kijingu”.

Orientado por seu padrinho, Emídio resolve, então, voltar a Luanda, onde se casa e constitui família com a também mestiça Josepha Rosa. O espaço, que em muitas outras produções literárias era o signo da resistência por excelência, como já afirmamos, agora apresenta-se inicialmente como o local das dúvidas, do incômodo e das incertezas.

Naquele espaço, assim que havia chegado de Portugal, o personagem foi traído por sujeitos interesseiros que se apresentaram como seus amigos. Quando retorna à capital, já profundamente modificado pela passagem pelas terras do Dondo, no interior, Emídio finalmente entende a

responsabilidade de ter em mãos um documento tão precioso como uma carta que reúne incontáveis denúncias, mas, ao mesmo tempo, percebe que ainda seria necessário esperar para que aquelas populações retomassem o que era seu de direito. Reconhece-se, assim, como mais um elo de uma corrente de transmissão de saberes que passariam ainda por seu filho Dino, e assim sucessivamente. Apesar de o tempo diegético corresponder ao século XIX, o fato de o romance ter sido lançado em 1999 nos leva a pensar que tal denúncia dos despojos e das humilhações dos filhos do país permanecia atual cem anos depois em uma sociedade que, mesmo após a independência, continuou reproduzindo estruturas de opressão e exploração.

Assim, a cidade de Luanda, já ressignificada, torna-se espaço de uma outra resistência: não mais a das armas, mas sim a das memórias, da cultura tradicional, das heranças e das denúncias que precisam ser conservadas e passadas adiante para que sobrevivam. O romance direciona seu foco para a caminhada, o permanente trânsito de Emídio, que, a cada passo, descobre a terra em que nasceu, conhece a sua própria identidade, reconhece-se como pertencente daquele local e torna-se cúmplice dos seus antigos habitantes, consciente de que mesmo na capital sua missão não seria prontamente cumprida: seria necessário ainda um tempo para que a justiça com a população oprimida das Margens fosse feita.

Proposta semelhante nos apresenta o escritor Boaventura Cardoso com seu romance *Mãe, materno mar*, que data de 2001. Esse texto, assim como *A casa velha das margens*, também se estrutura em movimento, a partir do percurso de Manecas, um sujeito em “viagem para tão longe das malanginas terras em que crescerá” (2001, p. 36). Ele vai para Luanda em busca de emprego e para também realizar um sonho que alimenta desde menino: ver o mar. Tal viagem, em vez de durar horas, como o previsto, acaba levando 15 anos, interrompida por uma sucessão de avarias. Durante esse deslocamento em direção à capital, assim como Emídio Mendonça, o protagonista vai amadurecendo, descobrindo a diversidade de culturas e tradições que habitam em seu país e conhecendo a si mesmo, em uma espécie de rito de iniciação que marca a superação de uma etapa na vida do personagem e o início de outra.

No comboio, é possível enxergarmos uma representação da própria nação angolana, dividida em estratos sociais como os vagões que seguem para a capital, conforme ilustra o trecho a seguir:

Pela classe da carruagem em que seguia se podia aferir mais ou menos o estrato social a que cada passageiro pertencia. Nas duas carruagens da primeira classe, para além da noiva cuja família ficara em Ndalatando, viajavam o Profeta e os pastores, altos funcionários públicos e muita gente de negócios; nas quatro carruagens da segunda seguiam Manecas, a mulher e o filho, o homem do fato preto e família, muitos modestos trabalhadores da função pública, responsáveis do Partido e suas organizações, gente dos muitos e complica-

dos negócios [...]; a terceira classe tinha oito carruagens em que viajava gente humilde, operários e camponeses, trabalhadores do CFL, crentes de outras sincréticas religiões [...]. (2001, p. 116)

Pelo trem podemos observar um retrato multifacetado de Angola, nação formada tanto por aqueles que conhecem e respeitam as tradições quanto pelos mais novos, inseridos no mundo moderno, que ouvem músicas internacionais e pouco ou nada sabem da história e das raízes culturais de seu país. Por isso Manecas reconhece que, assim como os outros jovens presentes, ele está em uma viagem de “descoberta de um mundo novo que nunca tinha conhecido” (2001, p. 56), como os “rituais fúnebres que aconteciam nas sanzalas distantes da cidade, mas nunca manifestara interesse em conhecê-los” (*idem*).

Em *Mãe, materno mar*, o contato com os mais-velhos se faz porta de entrada fundamental para os segredos da terra. Assim como o mais-velho Pascoal faz-se uma referência fundamental para Emídio, também para Manecas, e para os passageiros do comboio, outro mais-velho será visto como fundamental para o entendimento de situações aparentemente misteriosas e a resolução de conflitos e problemas que teimam em aparecer. Esse personagem é Ti-Lucas, apresentado como “um homem de cabelos brancos, [...] cego, por isso de mãos dadas com um rapazito” (2001, p. 55), a quem o povo admiraria as “boas e sábias palavras saídas de um homem de aspecto humilde, mas de realeza no coração” (p. 60). Apesar de não ver, ele é capaz de enxergar muito mais do que os seus acompanhantes daquele trem, tal como o profeta cego Tirésias e Édipo, que põe fim à própria visão ao final da tragédia de Sófocles para poder observar e conhecer melhor o mundo que habita.

O romance de Boaventura Cardoso nos apresenta, portanto, as dificuldades de o país seguir em frente, metaforizadas pelos tantos obstáculos que se vão colocando no trajeto daquele comboio. A impossibilidade de o trem continuar sua viagem pode ser lida como uma representação dos desafios contemporâneos de Angola, que necessita caminhar em direção ao futuro, mas não pode esquecer seu passado e muito menos deixar de avaliar criticamente o presente.

Depois de um longo e cansativo percurso, junto a Manecas e aos passageiros daquele comboio, chegamos, finalmente, a Luanda. Nesse momento tão aguardado, a cidade está inteiramente tomada por uma confusão devido à ansiosa espera pelo Profeta Simon. No trajeto de Malange a Luanda, ele havia ficado conhecido por operar milagres, mas ao chegar à capital estava impossibilitado de tais realizações por estar sem seu bastão. Por causa disso, a cidade se vê tomada por um profundo caos, com a ameaça de que aconteça uma tragédia a qualquer momento. Mas, ao final dessa nossa viagem-leitura, o comboio desacelera e o ritmo da narrativa se altera: a tensão que até então vinha em ritmo crescente no último capítulo dá lugar à serenidade do encontro de Manecas com o mar, objetivo, (a)final, de seu percurso.

O protagonista, no entanto, não segue sozinho: “Como já fosse noite, no dia seguinte, sob uma chuvinha, Manecas, a mulher e o filho, acompanhados de Ti-Lucas e o guia, foram ainda molhar os pés na água do mar. E assim Manecas retornou às maternais águas” (2001, p. 293), nos diz o parágrafo final. E nós, leitores, assim como ele, também mergulhamos nas serenas águas finais do contado para refletir sobre o tempo que está por vir, conscientes de que o presente deve caminhar de mãos dadas com o passado em direção a um mar de novas configurações de sentido e novas relações de afeto.

Tanto em *A casa velha das margens* quanto em *Mãe, materno mar* e em outros romances contemporâneos que encenam travessias literárias diversas, percebemos que não há mais certeza possível nem bússola que aponte uma direção correta. A solidez das convicções de outros tempos, vista nos romances de Luandino Vieira, deu lugar a novos e imprescindíveis caminhos, os quais nos permitem pensar em projetos para um outro “homem novo”, dessa vez para o século XXI. “Um homem aberto à alteridade e que, sobre uma base econômica e social mínima, esteja aberto às relações, às ligações humanas, a uma ética universal e aos valores”, segundo Joseph Ki-Zerbo (2009, p. 156-157).

Ao proporem, por meio do trânsito dos personagens, novas viagens pelo tempo, pelo espaço, pelas memórias e pelas identidades do país, os romances apontam para a valorização do movimento. Com essas e outras obras contemporâneas, aprendemos que é necessário seguir em frente, procurar o espelho de outras águas e entregar-se, com Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Ruy Duarte de Carvalho e tantos escritores, ao “ventre insaciável das viagens” para assim, quem sabe, começar a colocar pedras nos alicerces de um mundo em diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das Letras, 2001.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano – entre intenções e gestos*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Entrevista com René Holenstein. Trad. Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MACÊDO, Tania. Caminhos da escrita de uma cidade: a presença de Luanda na literatura angolana contemporânea. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, 1º sem. 2001, p 240-249. Disponível em http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta08/Conteudo/N08_Parte03_art06.pdf

MONTEIRO, Manuel Rui. Só percurso pelo discurso. PADILHA, Laura Cavalcante (org). *Anais do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995, p. 87-95.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

_____. Literatura angolana, suas cartografias e seus embates contra a colonialidade. PADILHA, Laura C. e RIBEIRO, Margarida C. (orgs). *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008, pp. 57-73.

SANTOS, Arnaldo. *A casa velha das margens*. Porto: Campo das Letras, 1999.

VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Luuanda: estórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido para publicação em 20/09/2015

Aprovado em 13/02/2016

NOTAS

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ).

2 Ruy Duarte de Carvalho, em *A decisão da idade* (1976). Poema citado por Manuel Rui Monteiro na comunicação “Só percurso pelo discurso”, apresentada no I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (1995, p. 87).